

# A MANDALA ASTROLÓGICA ANÁLISE SEMIÓTICA DA RODA ASTROLÓGICA

Ana Júlia Tavares Staudt (UNEB)  
[anajuliastaudt@gmail.com](mailto:anajuliastaudt@gmail.com)

## RESUMO

No presente artigo, tem-se por objetivo apresentar uma reflexão acerca dos estudos da semiótica a partir da roda astrológica, constituída de todos os signos do zodíaco, casas, elementos, quadruplicidade e glifos, suportado no conhecimento milenar do estudo da astrologia. Acrescenta-se ainda a este breve estudo algumas imagens divulgadas na revista feminina, *Claudia* do mês de novembro de 2013, da Editora Abril Cultural, na página que versa sobre horóscopo. Buscou-se depreender a análise dos aspectos relacionados à constituição do signo, a partir do *corpus* das imagens dos signos zodiacais, da roda astrológica e do horóscopo da referida revista. Este estudo está fundamentado na teoria semiótica, que tem como principal representante o filósofo, lógico-cientista Charles Sanders Peirce e os estudos de Santaella (2000, 2012).

**Palavras-chave:** Semiótica. Significação. Roda astrológica.

## 1. Introdução

No presente artigo, tem-se por objetivo apresentar uma reflexão acerca dos estudos da semiótica a partir da roda astrológica, constituída de todos os signos do zodíaco, casas, elementos, quadruplicidade e glifos, suportado no conhecimento milenar do estudo da astrologia. Acrescenta-se ainda a este breve estudo algumas imagens divulgadas na revista feminina, *Claudia* mensal, novembro/2013, da Editora Abril Cultural, na página que versa sobre o horóscopo. Buscou-se depreender a análise dos aspectos relacionados à constituição do signo, a partir do *corpus*: as imagens dos signos zodiacais (roda astrológica) e das imagens do horóscopo da referida revista. Este estudo está fundamentado na teoria semiótica, que tem como principal representante o filósofo, lógico-cientista Charles Sanders Peirce e os estudos de Santaella (2000, 2012).

A partir do *corpus* busca-se interpretar a constituição do signo a partir dos três elementos que fundamentam qualquer experiência, as categorias universais do pensamento e da natureza, a saber, o signo em si mesmo; tem-se assim a tricotomia que ficou mais conhecida e que tem sido mais divulgada, trata-se da primeiridade (*quali-signo*), a relação do signo consigo mesmo, da secundidade (*sin-signo*) a relação do signo com

seu objeto dinâmico e da terceiridade (*legi-signo*) a relação do signo com seu interpretante.

O presente artigo se constitui desta introdução, a seguir discorre-se sobre a teoria de Peirce, a semiótica, faz-se a descrição da roda plana astrológica, logo após a significação da roda astrológica juntamente com as imagens divulgadas na revista *Cláudia*, fazendo uma interpretação a partir da tricotomia da teoria semiótica, finalizando com as considerações finais.

## 2. A teoria semiótica

O nome semiótica vem da raiz grega *semeion*, que quer dizer signo, a ciência dos signos, acrescenta-se que a semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, isto é, o exame dos modos de formação de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação de sentido. Tem-se a linguagem verbal de sons conjuntamente com a tradução visual alfabética, a escrita, mas há também, e, ao mesmo tempo, uma variedade infinita de linguagens que também formam os sistemas sociais e históricos de representação do mundo (SANTAELLA; 2012, p. 16). Outros pensadores indicaram os fenômenos como eventos do mundo externos à mente. Diferentemente, Peirce considera os fenômenos como eventos mentais, resultando em uma fenomenologia que se inicia em campo aberto, livre de amarras, tudo aquilo que aparece à mente, que possa corresponder a algo real ou não.

Assim, pode-se visualizar um triângulo: em um dos ângulos de sua base tem-se ou *representamen* (significante). O segundo elemento ou objeto, localizado na base oposta do triângulo é o referente aquilo que está ausente e é representado pelo signo. O terceiro elemento ou interpretante é a ideia que surge na mente do observador que percebe o signo, aquilo que pode ser percebido pela visão, como as imagens, por exemplo. Em síntese Santaella, ao citar Ransdell (1966, p. 26), esclarece:

Qualquer coisa que conduz uma outra (seu interpretante) a referir-se a um objeto ao qual ela mesma se refere (seu objeto), de modo idêntico, transformando-se o interpretante, por sua vez, em signo, e assim sucessivamente *ad infinitum*.

Peirce identifica três classes de signo: o ícone, o índice e o símbolo. Os ícones são *quali-signos*, primeiridade, que se reportam a seus objetos por similaridade e só podem sugerir ou evocar algo porque a qualida-

de que ele exhibe se assemelha a outra qualidade. Os índices diferentes dos ícones, secundidade, se fundamentam a partir de uma existência concreta, ou seja, seu objeto imediato é a maneira como o índice é capaz de indicar algo existente, o objeto dinâmico que mantém uma conexão existencial. Os símbolos possuem uma ação mais complexa, pois se suportam a partir de *legi-signos*, terceiridade, leis que operam com condição, estabelecendo conexões. (SANTAELLA, 2012, p. 21)

Assim sendo, a noção de representação que a tríade semiótica revela só é introduzida na fenomenologia quando se instala a terceiridade. Santaella (2012) cita Ransdell (1966, p. 80) para enfatizar:

A solução está na distinção entre o primeiro termo da relação e aquilo que desempenha o papel de primeiro termo dessa relação. Qualquer coisa que seja, pode ser um signo, isto é, pode funcionar nesse papel; mas para que faça isso, deve ter algum caráter em virtude do qual pode assim funcionar. Esse caráter é o que constitui o fundamento ou razão de sua capacidade para ser um signo, embora ele não seja realmente um signo enquanto ele não for interpretado como tal. A noção de qualidade é, de acordo com Peirce, a noção de referência a um fundamento (“...uma pura abstração, cuja a referência constitui uma qualidade ou atributo geral, pode ser chamada de fundamento” [1.551]), isto é a noção de ter potencialidade *sígnica*. Assim, a primeira categoria, qualidade, pode ser identificada com noção de um signo no sentido de posse de potencialidade *sígnica*, mas ela não é equivalente à noção de um signo atual. E considero que esta deveria ser a versão peirciana da noção tradicional de forma e talidade ou essência. [...]

Ora, a relação *sígnica* pressupõe algo que pode desempenhar o papel de um signo, pressupondo assim que haja uma coisa tal como potencialidade *sígnica* (forma, essência, qualidade). Como fundamento da relação *sígnica*, este deve ser algo que tem a ver como uma coisa funcionando como signo em virtude da qual esta coisa é *significante* de seu objeto.

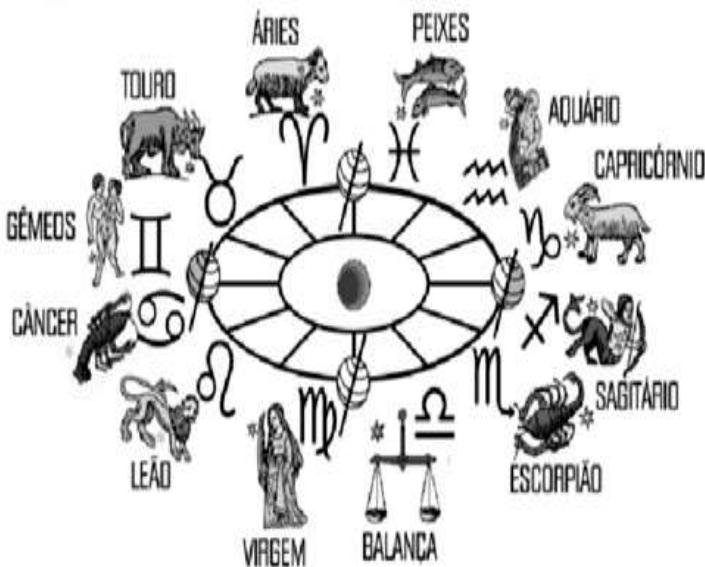
Percebe-se desta maneira que o signo se estabelece se passar pelas três instâncias a primeiridade, secundidade e a terceiridade, entretanto não se pode traçar uma linha definida entre estes estados da mente. A qualidade, a impressão funciona como um primeiro nas coisas que se apresentam, a experiência que deixamos como marca no mundo, é resultado da nossa ação e encontra-se legitimada como signo genuíno em sua última fase, tem-se, assim o signo genuíno, a terceiridade.

### **3. Descrição da roda astrológica**

A astrologia é a ciência que investiga a ação dos corpos celestes sobre os objetos animados e inanimados, e a reação destes a essa influência, este estudo está presente nos primeiros registros do aprendizado hu-

mano. A astronomia e a astrologia durante anos foram uma só ciência, mas hoje elas caminham separadamente, embora uma se beneficiando da outra. Em síntese, a astronomia pode ser considerada uma ciência de distâncias, magnitudes, massas, movimentos, velocidades, localizações, com base em observações feitas com instrumentos como o telescópio, desta forma pode-se denominá-la uma ciência objetiva. Por outro lado, a astrologia pode ser considerada uma ciência subjetiva, o levantamento do horóscopo é, na verdade, um processo astronômico, a avaliação ou descrição do horóscopo é um processo astrológico.

A roda natural ou plana como os astrólogos a chamam constitui-se de doze signos do horóscopo natural, eles encontram-se na parte exterior da circunferência e trazem cada um o nome do signo que as figuras representam. Tem-se, desta forma, na parte exterior da roda o nome dos signos, as figuras que os representam e os glifos de cada signo. No referido artigo, somente são enfocadas as figuras representativas dos signos zodiacais.



**Figura 1: Figuras representativas dos signos zodiacais.**

A roda astrológica demonstrada acima apresenta os 12 signos do zodíaco, esta circunferência mede 360 graus, dividido em 12 partes, cada uma com 30 graus para cada signo do zodíaco. No sentido horário o pri-

meiro signo do zodíaco – o signo de áries representado por um animal, o carneiro, a seguir touro representado pela figura de um animal o próprio touro, gêmeos a figura de gêmeos humanos, câncer o caranguejo, leão o próprio animal, virgem simbolizado por uma mulher, a seguir libra representado por uma balança, escorpião o próprio animal, sagitário por um centauro, uma figura mitológica, capricórnio representado por uma cabra, aquário um homem com um pote as costas, peixes, dois peixes em oposição.

Os glifos também representam os signos do zodíaco, seguindo a mesma ordem horária tem-se a partir do signo de áries os chifres do carneiro, a cabeça e chifres do touro, o algarismo romano II ou duas colunas gregas para gêmeos, as garras do caranguejo para câncer, a cauda do leão representando o sino de leão, a grafia da palavra virgem em grego, a balança para libra, a cauda e o ferrão do escorpião, a flecha do arqueiro para sagitário, o chifre e a cauda da cabra para capricórnio, em aquário as ondas de água ou eletricidade e dois peixes interligados em oposição representando o signo de peixes.

As divisões feitas no círculo de 360 graus formam as doze casas do zodíaco, configurando-se assim os doze signos que representam qualidades ou quadruplicidade, indicando tipo de comportamento e, dividindo-se em grupos de quatro signos do zodíaco. Os signos cardeais assim são denominados porque apresentam características como a iniciativa, a ambição, o entusiasmo e a independência e remetem aos signos de áries, câncer, libra e capricórnio. Os signos fixos touro, leão, escorpião e aquário são determinados, capazes de se concentrar, estáveis, resolutos, econômicos e majestosos. E os signos mutáveis gêmeos, virgem, sagitário e peixes denotam características como a versatilidade a adaptabilidade, a sutileza, a simpatia e a intuição.

Além destas qualidades os signos do zodíaco inserem-se nos elementos ou triplicidade indicando percepção e temperamento, divididos em fogo, terra, ar e água, a saber, o elemento fogo constituído por áries, leão e sagitário apresentam as características de orgulho e brio, os de terra tem touro, virgem, e capricórnio e apresentam a praticidade como característica mais marcante, o elemento ar apresenta gêmeos, libra e aquário e tem como característica importante a comunicação, finalizando o elemento água tendo câncer, escorpião e peixes que enfatizam a emoção e os sentimentos.

Durante os quase três mil anos de existência da astrologia tais como a conhecemos hoje, tem-se escrito muitíssimo sobre as possíveis implicações das influências combinadas e variáveis dos planetas e seus ciclos sobre o comportamento humano. Astrólogos e astrônomos, místicos e cientistas, crentes e céticos, todos têm algo a dizer sobre o assunto. Recentemente, pela primeira vez, a ciência moderna começou a despende um certo esforço na exploração da área, e as próximas décadas deverão lançar muita luz sobre a questão. Enquanto isso, baseados no dia a dia, os astrólogos continuam utilizando o acervo das crenças tradicionais, fundamentadas na experiência e nos escritos dos que vieram antes.

#### ***4. A significação da roda astrológica de acordo com a teoria***

A roda astrológica mostrada acima composta dos signos do zodíaco com seus respectivos nomes e glifos, remetem a observação das figuras que a constituem. Figuras estas de animais e humanos e objetos.

Entende-se por fenômeno qualquer coisa presente no mundo e até na imaginação. Estar no mundo aberto para observar qualquer coisa seja ela externa, por exemplo, um caranguejo enterrando-se a terra ou um desejo, uma vontade. Todas estas experiências, segundo Peirce estão abertas para o homem. Na verdade, diz Santaella (2012, p. 50) que devemos desenvolver três faculdades a 1ª a capacidade contemplativa; a 2ª distinção das diferenças; e a 3ª a capacidade de generalizar de forma mais abrangente.

Sabe-se que os signos do zodíaco trazem figuras da mitologia assim como figuras de animais e pessoas. Ao se deparar com estas figuras a primeira sensação é decorrente do que é sentido naquele momento, nada mais, caso avance-se um pouco já não estaremos na primeiridade o qualisigno, a qualidade é apenas parte do fenômeno, este instante é genuíno, original, livre, por exemplo, um círculo e figuras, nada mais a dizer.

Entretanto se houver um tênue avanço que seja, já se encontra na instância da secundidade, o mundo pensável e tem-se então, a materialidade, as figuras ali dispostas um carneiro, um touro, duas imagens humanas iguais, um caranguejo, um leão, a figura de uma mulher, uma balança, um escorpião, uma figura mitológica, uma cabra um homem que segura um pote aos ombros e dois peixes em sentido opostos. Encontra-se a materialidade a ação de um sentimento sobre alguém. O pensamento é processo e há um impulso para que se passe de uma etapa para outra,

ou seja, da primeiridade para a secundidade e a partir deste um novo impulso para o universo da terceiridade, o *legi-signo* é a historicidade do homem que emerge de tudo o que ele traz, sua história, suas experiências, tudo.

O *legi-signo* aproxima-se do primeiro e do segundo reverberando o intelecto, é a inteligibilidade, pelo qual se representa e se interpreta o mundo, assim afirma Santarella (2012, p. 79):

Por exemplo: o azul, simples e positivo azul, é um primeiro. O céu, como lugar e tempo, aqui e agora, onde se encarna o azul, é um segundo. A síntese intelectual, elaboração cognitiva – o azul no céu, ou o azul do céu – é um terceiro.

Dessa forma pode-se afirmar ao parafrasear a estudiosa Santarella: uma circunferência com figuras em torno, a sensação é o primeiro, uma roda como lugar e tempo, o aqui e o agora, onde aparecem figuras variadas, é um segundo. A síntese intelectual a roda com os signos do zodíaco, é um terceiro. Qualquer pessoa mesmo não conhecendo a astrologia a identifica como tal e podem através da inteligibilidade identificar na figura de um leão a sua força e realeza, uma das características do signo de leão, também pode-se através da figura de uma balança ter a percepção da medida do equilíbrio, ainda podemos ver na imagem de uma mulher a sua feminilidade e também a pureza da virgem mostrado no signos do zodíaco de virgem, podemos observar no caranguejo e no seu comportamento sempre movimentando-se para trás e lados como um comportamento de câncer e assim por diante.

Além destes aspectos a mandala pode significar um objeto dinâmico, indicando movimento, rodar, girar, o movimento da vida, a cada final do giro uma nova dinâmica da vida e ao sair do giro formar nova roda, nova etapas. A mandala, a roda da fortuna, o destino tudo isto forma o signo a partir da instância da terceiridade.

Pode-se observar nas figuras que seguem oriundas do horóscopo da revista *Cláudia*, novembro, 2013, os signos do zodíaco, respectivamente, gêmeos, leão, câncer, libra, virgem e peixes, por ser uma revista voltada para o público feminino, todos os signos do zodíaco trazem a imagem de uma mulher, entretanto não fogem dos símbolos que os representam, todos trazem as figuras dos seus respectivos signos do zodíaco. Na primeiridade temos o efeito inanalizado, sem nenhuma reflexão, assim tem-se um interpretante, em sua interpretação individual. Na secundidade já se tem um interpretante dinâmico, pois se faz a experimentação, e a figura apresentada se materializa. Na terceiridade, revela-se o

interpretante final, ligado ao hábito, à lei, é a significação, é o signo. Nota-se que todas as figuras trazem a representação que o objeto quer representar, para que a semiose se estabeleça, na primeira figura tem-se o signo de gêmeos representado por duas figuras de mulher, no signo de leão uma mulher e atrás um leão, em câncer um caranguejo, em libra uma mulher segurando aos ombros uma balança, em virgem uma mulher com um ramo de folhagem nas mãos, e em peixes, uma mulher entre dois peixes em oposição. Além disso, todas as figuras dos signos do zodíaco trazem a roda que simboliza a dinâmica da vida.



Fig.2 Imagens do horóscopo da revista *Cláudia*, nov. 2013.

Na terceira categoria, Nöth (1998, p. 74), citando Peirce, explica como se dá a terceiridade:

É aquilo que seria finalmente decidido se a interpretação verdadeira e se a consideração do assunto fosse continuada até que uma opini-

ão definitiva resultasse [...] aquele resultado interpretativo ao qual cada intérprete está destinado a chegar se o signo for suficientemente considerado.

Pode-se então arriscar, afirmando que os horóscopos divulgados nas revistas se encontram na instância da terceira categoria, ou seja, na terceiridade, pois se encontram já legitimados. Ao abrir uma revista e folheá-la e deparar-se com o horóscopo, rapidamente já se está colocado na categoria da terceiridade.

## 5. *Considerações finais*

O estudo da roda astrológica e das figuras divulgadas no horóscopo da revista *Cláudia* suportados na teoria Semiótica norte-americana, que germinou nos trabalhos do cientista-lógico-filósofo Charles Sanders Peirce, tratou da análise, na verdade, do relacionamento do signo com seus três componentes, a saber a primeiridade, a secundidade e terceiridade é nessas três categorias que se dá a semiose a ação sobre qualquer coisa - um objeto, um pensamento, um sonho etc.

O estudo da astrologia materializado neste artigo na forma da roda astrológica teve como objetivo revelar como se dá através de um intérprete e posteriormente um interpretante a chegada da compreensão de um signo. Era, pois preciso uma ciência fosse capaz de criar dispositivos para uma melhor compreensão das multiformas e do diversificado universo dos fenômenos de linguagem.

O trabalho de Peirce tem uma dimensão cosmológica, pois remete a um entendimento de visão de mundo que cada um dos seres humanos traz no fundo de seu âmago e é através desta historicidade que cada um traz em si e de si e resulta a semiose.

A astrologia através de toda sua simbologia, serve-se de objetos do mundo para representar todos os aspectos que levam ao autoconhecimento. Faz-se, dessa forma, necessário que se passe pelas categorias, a saber, o *quali-signo*, o *sin-signo* e o *legi-signo* para que se possa decifrar todo este conhecimento, acredita-se que as pessoas inseridas no contexto histórico-cultural terão mais facilidade para adentrar neste contexto.

A roda astrológica demonstra como se pode fazer uma leitura sem que se tenha um conhecimento prévio, através dos signos do zodíaco pode-se perceber e localizar no aqui e agora, depreendendo-se as características que os signos do zodíaco comunicam. Já o horóscopo na revista *Cláudia* este conhecimento autorizado na forma de signo, é a semiótica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NÖTH, Winfried. *Panorama da semiótica: de Platão a Peirce*. São Paulo: Annablume, 1995.

SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 2012.

SANTAELLA, Lúcia. *Teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas*. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

MILLER, Susan. Horóscopo. *Cláudia*, ano 52, n. 11. São Paulo: Abril, nov. 2013, p. 256 -258.